

**Cultura e Religião:
Um estudo sobre as Festas de Agosto conforme a Oficialidade Católica**

**Cultura y Religión:
Un estudio sobre las fiestas de agosto según la oficialidad católica**

**Culture and Religion:
A study on the Feasts of August according to Catholic Official**

Viviane Bernadeth Gandra Brandão¹

Palavras chave:

Festas religiosas
Montes Claros
Cultura contemporânea
Igreja Católica

Resumo:

O trabalho faz uma análise da percepção de líderes católicos oficiais que atuam em Montes Claros - MG, a respeito da dinâmica contemporânea das Festas de Agosto que acontecem na cidade. Essas festividades são práticas ligadas à Igreja Católica e às irmandades negras, em louvor a Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito e ao Divino Espírito Santo. Perduram por mais de 170 anos e são consideradas patrimônio cultural regional. Porém, sofreram mudanças notáveis, pela incorporação crescente de elementos extrarreligiosos, configurando-se hoje como um fenômeno culturalmente híbrido. Pela importância do Catolicismo na estruturação da cultura brasileira, esse estudo se justifica por tentar compreender como a Igreja lida hoje com as tradições religiosas, de modo a se posicionar no mundo contemporâneo: reafirmando-as, reinventando-as, empenhando-se em alterar seus conteúdos simbólicos originais, adaptando-as a novos tempos e lugares, e, ao mesmo tempo, recusando-as juntamente com determinados elementos e tendências culturais. A pesquisa analisou as festas religiosas de Montes Claros como um fenômeno exemplar das questões expostas, capaz de dar atualidade a conceitos importantes para a análise sociocultural. Buscou-se construir apontamentos capazes de contribuir para o enriquecimento das análises sobre a religião Católica na sociedade contemporânea, para o registro de aspectos relativos à dinâmica das festas em questão, bem como para a reflexão sobre o sentido atual de uma tradição religiosa sincrética e duradoura.

Resumen:

El trabajo hace un análisis de la percepción de líderes católicos oficiales que actúan en Montes Claros - MG, acerca de la dinámica contemporánea de las fiestas de agosto que se suceden en la ciudad. Estas festividades son prácticas ligadas a la Iglesia Católica ya las hermandades negras, en alabanza a Nuestra Señora del Rosario, a San Benito y al Divino Espíritu Santo. Perdura por más de 170 años y se consideran patrimonio cultural regional. Sin embargo, sufrieron cambios notables, por la incorporación creciente de elementos extrarreligiosos, configurándose hoy como un fenómeno culturalmente híbrido. Por la importancia del catolicismo en la estructuración de la cultura brasileña, este estudio se justifica por intentar comprender cómo la Iglesia leía hoy con las tradiciones religiosas, para posicionarse en el mundo contemporáneo: reafirmandolas, reinventándolas, empeñándose en alterar sus Contenidos simbólicos originales, adaptándolos a nuevos tiempos y lugares, y, al mismo tiempo, rechazándolos junto con determinados elementos y tendencias culturales. La investigación analizó las fiestas religiosas de Montes Claros como un fenómeno ejemplar de las cuestiones expuestas, capaz de dar actualidad a conceptos importantes para el análisis sociocultural. Se buscó construir apuntes capaces de contribuir al enriquecimiento de los análisis sobre la religión católica en la sociedad contemporánea, para el registro de aspectos relativos a la dinámica de las fiestas en cuestión, así como para la reflexión sobre el sentido actual de una tradición religiosa sincrética y duradera.

Palabras clave:

Fiestas religiosas
Montes Claros
Cultura contemporánea
Iglesia Católica

Keywords:

Religious festivals
Montes Claros
Contemporary culture
Catholic Church

Abstract:

The work analyzes the perception of official Catholic leaders who work in Montes Claros - MG, concerning the contemporary dynamics of August festivals happening in the city. These festivities are practices linked to the Catholic Church and the black brotherhoods, in honor of Our Lady of the Rosary, St. Benedict and the Holy Spirit. Last for over 170 years and are considered regional cultural heritage. However, they experienced remarkable changes, the increasing incorporation of religious extra elements, setting up today as a culturally hybrid phenomenon. The importance of Catholicism in the structuring of Brazilian culture, this study is justified by trying to understand how the Church deals today with the religious traditions in order to position themselves in the contemporary world: reaffirming them, reinventing them, striving to change their original symbolic contents, adapting them to new times and places, and, at the same time, rejecting them together with certain elements and cultural trends. The research analyzed the religious festivals of Montes Claros as an exemplary phenomenon of the foregoing issues, able to present important concepts for socio-cultural analysis. He sought to build notes that contribute to the enrichment of the analysis of the Catholic religion in contemporary society, to record aspects of the dynamics of the parties concerned as well as to reflect on the current direction of a syncretic and lasting religious tradition.

Cultura e Religião: Um estudo sobre as Festas de Agosto conforme a Oficialidade Católica

Introdução

As Festas de Agosto em Montes Claros, no norte de Minas Gerais, são uma manifestação cultural e religiosa tradicional realizada no mês de agosto, que se tornou associada à própria imagem da cidade. Sua realização se dá em honra a Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito e ao Divino Espírito Santo, e seus rituais compõem-se de elementos africanos, europeus e indígenas. Nessas comemorações, as ruas da cidade são tomadas por um número expressivo de moradores e turistas que prestigiam as músicas e danças dos principais grupos que protagonizam as festas: catopês, marujos e caboclinhos.

Os primeiros registros formais de ocorrência das festas constam em ata da Câmara Municipal de Montes Claros, data de 23 de maio de 1829. Consideradas como expressão do *catolicismo popular*, nesses quase duzentos anos de sua existência, o engajamento leigo deu-se de modo constante e intenso. A Igreja Católica, por sua vez, oscilou entre a participação plena, a tentativa de controle dos festejos e a rejeição aos costumes e “desvios” dessa variante do catolicismo. (SILVA, 2013)

Considerando-se as mudanças que vêm ocorrendo, tanto nos festejos religiosos – aos quais se juntam crescentemente elementos extrarreligiosos (entretenimento, consumo, turismo, dentre outros) – quanto na própria Igreja Católica – que busca se manter em um mundo no qual a tradição é questionada e modificada –, a configuração atual das festas implica divergências avaliativas significativas em relação à oficialidade católica.

Neste trabalho parte-se da ideia de que a análise da relação institucional eclesial e de seus representantes com os rituais festivos em questão, hoje marcados pela presença de elementos estranhos à religião e pela autonomia individual diante da Igreja, pode dizer muito acerca da maneira pela qual o catolicismo oficial se posiciona no mundo e sobre como lida com a dinâmica sociocultural contemporânea.

Nos dias atuais, o apelo de outros sistemas simbólicos não religiosos e a distância entre os preceitos católicos e a vida prática dos fiéis fazem com que estes questionem sua própria identidade, a autoridade da Igreja e sua tradição e se engajem em outras manifestações coletivas distintas daquelas encenadas pela tradição católica. Junto aos questionamentos, buscam manter suas crenças, porém, adaptando-as às sociedades em que vivem, e adéquam os imperativos morais defendidos pela Igreja ao seu modo de vida. Tudo indica que os preceitos católicos estão, em grande parte, desconectados da prática e da consciência de muitos que se dizem adeptos do Catolicismo. É plausível pensar que, hoje, os fiéis têm uma confiança crítica na tradição.

As relações entre as expressões das religiosidades tradicionais e a contemporaneidade, ocupam na compreensão dos processos culturais que, por meio de “rupturas significativas” (HALL, 2003), deram origem a identidades culturais fluidas e fragmentadas e a novas realidades socioculturais distanciadas das referências ao passado.

Assim, neste estudo, parte-se da constatação de que hoje as religiões tradicionais convivem intensamente com os apelos mundanos e presenciam a quebra de antigos paradigmas, propiciando

O deslocamento da experiência religiosa contemporânea, tanto subjetiva como institucionalizada para outras

áreas ou dimensões da vida social que não são caracterizadas como religiosas, como o complexo midiático-cultural, a economia, o turismo, o lazer, as terapias, o culto ao corpo e outras. (MOREIRA, 2008, p.70)

Observa-se que o crente migra do que era tradicionalmente estabelecido como religioso em busca de outras possibilidades de experiências que necessariamente não ocorrem em templos e igrejas, mas sim nos espaços cotidianos em que está inserido. Não se trata, porém, do fim da religião, mas do “deslocamento” dos espaços e das suas funções, provocando seu redimensionamento. (MOREIRA, 2008, p. 72).

Para Hervieu-Léger (2008), estudiosa do Catolicismo, a afirmação da autoridade tradicional religiosa permanece na sociedade contemporânea; no entanto, “os crentes modernos reivindicam seu direito de bricolar, e, ao mesmo tempo, o de escolher sua crença.” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 64). São obrigados, por isso, a “produzir por si mesmos a relação com a linguagem da crença na qual eles se reconhecem” (*idem*, p. 64).

Para minimizar problemas decorrentes desse cenário e manter-se socialmente plausível, a Igreja Católica busca maneiras de articular valores e visões de mundo tradicionais com as novas maneiras encontradas pelos sujeitos para orientar sua vida e lidar com a tradição religiosa. Verificar como isso se dá em relação às Festas de Agosto é o propósito dessa pesquisa que, mesmo direcionada a um evento de dimensão local, pretende contribuir para a criação de referências capazes de atualizar grandes conceitos das ciências que se dedicam ao estudo da sociedade e da cultura.

Expressões do Catolicismo no Brasil

No Brasil, de acordo com o último Censo do IBGE sobre Religião¹¹, os católi-

cos representavam 82,96 % da população em 1990; no ano de 2000 esse percentual foi reduzido para 73,60 % e em 2010, no último censo realizado sobre religião da população brasileira, totalizaram 64,60 %, ilustrando a redução significativa de católicos no Brasil. Esses dados indicam crise do Catolicismo, uma das referências estruturantes da cultura brasileira.

Muitos desafios se colocam à tradição religiosa no mundo contemporâneo, o que obriga a Igreja Católica a lidar com a necessidade de se adequar às novas condições socioculturais e enfrentar obstáculos, tais como a indiferença religiosa, a desorientação de valores, mesmo no campo da ética, a invasão crescente de “ídolos” midiáticos, dentre outros. A profundidade da crise é real e levou Hervieu-Léger (2003) a falar do “fim de um mundo” ao se referir ao Catolicismo na França, no sentido de que há grandes dificuldades para a reprodução social de uma religião burocratizada que atua “de cima para baixo”, tentando impor orientações para indivíduos que reivindicam cada vez mais “o direito de cada um à sua própria realização”. Na prática, há o distanciamento “irremediável entre o universo normativo católico e a cultura contemporânea da autonomia individual” (HERVIEU-LÉGER, 2003, p. 137).

O declínio das adesões ao Catolicismo no Brasil, segundo Sanchis (1994), revela um processo de “desidentificação” dessa religião com a nação brasileira. O último censo, o de 2010, confirma o declínio de fiéis do Catolicismo e afirmação do crescimento do número de evangélicos, o que expressa o início de um cenário de “diversidade” religiosa no País. Sanchis (1995) considera que a ideia de uma identidade unificada e cumulativa, construída nos planos constitucional e psicossocial, opõe-se sistematicamente ao princípio de identidade brasileira. Além disso, a atuação da representação católica no País teria se revestido de um caráter mais controlador

do que impulsionador, encontrando dificuldades para expressar a comunidade.

Há que se observar que a diversidade se apresenta como característica interna do Catolicismo brasileiro, cujos adeptos participam das suas práticas religiosas de diversas formas. A “plasticidade dos modos de ser católico do Brasil é a expressão de uma genuinidade brasileira, caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o outro mundo.” (TEIXEIRA, 2005, p. 17).

Nesse sentido, podemos dizer que o Catolicismo no Brasil é plural, aqui há várias formas de ser católico. De acordo com Teixeira (2005), o Catolicismo brasileiro está representado por variantes que são: o Catolicismo popular, que apresenta uma forma de contato com o sagrado intermediado pela presença dos Santos, elemento central desta religiosidade; o Catolicismo oficial, em que são defendidas práticas mais tradicionais vindas de Roma; o Catolicismo dos “reafiliados” às Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – e à Renovação Carismática Católica – RCC –, que aderem a um “regime forte de intensidade religiosa” e, por último, o Catolicismo midiático, que busca marcar uma nova atuação pública pelo uso dos meios de comunicação.

Dentre esses tipos, as formas do Catolicismo oficial e do popular interessam mais de perto à pesquisa sobre as festas religiosas de Montes Claros. O Catolicismo oficial está centrado nos sacramentos e nos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana. Como outras instituições de caráter tradicional, vive um momento delicado, relacionado às dificuldades de inserção na chamada sociedade *pós-tradicional*^{III}, que exige processos adaptativos e de reinvenção da tradição religiosa. Teixeira (2005) recorre à análise de Pierucci (2004) e à sua leitura de Giddens (1997) para lembrar, que nas sociedades pós-tradicionais, decaem as filiações tradicio-

nais e os indivíduos tendem a se desencajar de seus antigos laços sociais, por mais estáveis que possam parecer. Nessas sociedades inicia-se um “processo de desfiliação em que as pertencças sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem fatalmente com isso, as religiões tradicionais.” (PIERUCCI, 2004, p. 19).

Hoje, diferentemente do que ocorria no passado, as instituições tradicionais encontram grande dificuldade de garantir a transmissão dos valores religiosos de uma geração para outra, bem como de assegurar a afirmação de uma memória coletiva. Observa-se o progressivo enfraquecimento da figura do fiel “praticante”, em geral associada a “comunidades de sentido fortemente constituídas”, enquanto surge a figura do peregrino, marcada pela mobilidade sustentada pelas experiências pessoais.

Isso se aplica ao caso do Catolicismo brasileiro e suas perdas observadas historicamente, conforme atestam os censos. Teixeira (2005) lembra que hoje o Catolicismo é considerado “doador universal” de pessoas para outras crenças. As maiores preocupações da Igreja se relacionam à debandada de fiéis, sobretudo para as denominações pentecostais, e à saída de jovens que aumentam o percentual dos “sem religião”.

Já o Catolicismo popular é umas das variantes presentes no Brasil desde o período colonial e possui como característica primordial o sincretismo. Neste catolicismo “cabe ao praticante beber de todas as fontes, de modo que o sincretismo é a própria condição de acesso à plenitude e multiplicidade do sagrado. O espaço privilegiado da experiência religiosa não são os sistemas religiosos em si, mas as fronteiras entre eles” (STEIL, 2001, p. 23).

Esse catolicismo aproximou a religião da cultura regional, de acordo com Azevedo (1996, p. 184), fazendo com que a religiosidade se relacionasse mais com a estrutura local do que com a sociedade nacional e se tornasse relativamente independente da Igreja formal. Ele é caracterizado por uma religiosidade “simples” e espontânea, comparado à religião oficial; adota práticas religiosas autoproduzidas pelas classes populares, porém usando o código do Catolicismo oficial; o culto aos Santos é organizado pela ação de lideranças leigas, dispensando em muitos casos os serviços de sacerdotes e a sistematização dos conteúdos da fé praticados pela oficialidade religiosa. Nessa variante do Catolicismo, os leigos tornam-se os maiores protagonistas, representados pelas benzedeadas, rezadores e grupos populares.

Pode-se afirmar que diante dessa diversidade interna e das questões próprias à alta modernidade, o Catolicismo oficial no Brasil se vê diante do desafio contemporâneo imposto à tradição religiosa: manter-se como um conjunto de recursos adaptáveis e flexíveis, num mundo globalizado e cosmopolita, no qual a diversidade cultural e dos estilos de vida é notável (PEIXOTO, 2006), sem abrir mão e seus princípios.

Contextualização das Festas de Agosto

Na cidade de Montes Claros, localizada no norte de Minas Gerais, ocorrem anualmente as festas religiosas, originalmente vinculadas às tradições católicas, africanas e indígenas, no mês de agosto. É uma região conhecida pela sua riqueza cultural, decorrente do processo de ocupação diversificada e também de sua localização estratégica. Segundo Dias (2007, p. 35), “o norte mineiro é um tanto baiano, um tanto mineiro, nem um, nem outro, talvez baiano cansado como denominados pelos

mineiros do sul, o que demonstra que a fronteira não é apenas geográfica.”

As Festas de Agosto estão associadas ao Catolicismo popular, constituíram-se como parte importante do enredo local, fundamentado numa tradição mesclada de elementos africanos, indígenas, europeus e regionais. Trata-se de uma manifestação religiosa que respondeu e responde por uma importante parte da história montesclarenses, e que sobreviveu ao longo do tempo como componente religioso e cultural constituinte da própria imagem da cidade.

Em seus quase duzentos anos, as Festas de Agosto tornaram-se parte da própria imagem de Montes Claros. Elas ocorrem em cinco dias em devoção à Nossa Senhora do Rosário; a São Benedito e ao Divino Espírito. As práticas festivas atualmente são organizadas por um padre da Igreja Católica e um representante de cada um dos grupos populares que protagonizam os rituais.

Nessas comemorações, as ruas são tomadas pela presença expressiva de moradores e turistas, que prestigiam a performance dos grupos de Congado em Montes Claros, catopês, marujos e caboclinhos, representando as etnias que formaram o Brasil. (QUEIROZ, 2005, p. 28).

Os grupos de congado são os protagonistas das festas e cada um desempenha um ritual específico. De acordo com Queiroz (2005, p. 30-49), os catopês são grupos que preservam de forma mais sólida as influências do Congado nas apresentações. Porém, usam elementos que representam a tradição africana adicionada a referências luso-espanholas cristãs, com vestimentas brancas, capacetes adornados com longas fitas coloridas, penas de pavão, miçangas e espelhos, imagens de santos, terços envoltos nos braços ou nas mãos, e saem pelas

ruas cantando e rezando à Nossa Senhora do Rosário, ao ritmo de tambores, batuques e rabecas.

Os marujos realizam a encenação, dramatizam a epopeia marítima portuguesa, com participantes vestindo roupas de cetim na cor azul, fazendo referência aos cristãos, e outros, na cor vermelha, representando os mouros. Nas ruas da cidade, em duas filas, cantam músicas suaves e tocam violão e viola, remetendo às ações dos marinheiros portugueses e ao Catolicismo. Dançam e dramatizam as lutas portuguesas nos movimentos das Cruzadas, comemorando a vitória dos cristãos. Fazem orações cantadas pedindo proteção divina, purificação dos pecados da cidade, intercessão dos Santos das festas e agradecendo pelas graças recebidas.

Já os caboclinhos simbolizam o índio brasileiro, em trajes que reproduzem as suas vestimentas, saiotes vermelhos enfeitados com plumas, capacetes adornados com penas, e carregam arcos e flechas. Nesse grupo há uma grande incidência de mulheres, além de crianças, fato que o diferencia dos outros grupos, que só mais recentemente contam com a presença feminina. Os caboclinhos atualmente são liderados por uma mulher, que recebe o título de “Caciconá”. Eles dançam e cantam músicas com letras referentes à catequização dos índios pelos padres jesuítas no período da colonização do Brasil. As suas preces são direcionadas aos três Santos devocionais da festa, pedindo perdão pela destruição da natureza e invocando proteção aos animais e a todo o ecossistema brasileiro.

Para que em agosto tudo esteja pronto para a solenidade, os ensaios são iniciados no mês de maio, bem como visitas, acompanhadas por música e oração, às casas dos mordomos, que são escolhidos no ano anterior para guardar as bandeiras de cada um dos santos das Festas.

Durante esses dias de acontecimentos, ocorrem as manifestações de músicas, orações, saudações e danças, eles criam condições para evidenciar a riqueza simbólica derivada da presença dos três grupos e seu papel ritual.

A manifestação acontece em etapas que se inter-relacionam na performance dos grupos, visando a concretização do seu ritual de fé. Nas residências visitadas é servida alimentação e em seguida, há a reza do terço e a saída em procissão até a Igreja do Rosário.

O ritual das festas continua com a chegada dos grupos ao canteiro central da Avenida Coronel Prates, ao lado da Igreja do Rosário. Nos dias da festa, somente no momento do levantamento do mastro, a avenida é interditada. E nos outros dias da festa o mastro permanece no local, envolto à rotina de trânsito intenso da avenida, a muito barulho e poluição.

O levantamento de mastro é o ponto alto da festa, representando a ligação completa dos grupos em um só reinado sagrado. A benção aos grupos precede a caminhada pela cidade. É um momento marcado por orações, cantos e conta com a presença dos grupos populares e do padre.

Logo atrás os grupos populares seguem com seus cantos e danças, percorrem o mesmo trajeto em todos os dias das Festas. Após a procissão, o padre celebra a missa ao meio dia com a presença de todos os grupos populares. As missas celebradas são importantes marcos simbólicos do caráter de religiosidade e da presença da Igreja Católica nas festas.

Nos dias dos rituais religiosos, há a participação de pessoas de Montes Claros e de outras localidades, católicos ou não, oriundos de diferentes religiões e classes sociais. Em geral, acompanham as procissões, os levantamentos dos mastros, as ce-

lebrações das missas com devoção e emoção. Algumas realizam atos de pagamento de promessas, caminhando descalças nas procissões, vestindo roupas que remetem às mesmas usadas pelos grupos populares, além de vestirem também bebês e crianças. As ruas centrais da cidade são enfeitadas com fitas coloridas e imagens dos Santos das festas e várias lojas ornamentam seus espaços para que, quando a procissão passar, a conexão com o sagrado.

Uma mudança que ocorreu e se refere ao aumento das atividades de entretenimento e de consumo, que acontecem paralelamente às atividades religiosas. Barraquinhas com comidas típicas e artesanato, bem como shows musicais, acontecem todos os dias, das 19h30 às 23h30, e no domingo, das 09h30 às 22h00. Os eventos que integram essa dimensão profana têm atraído muita gente, tornando as festas eventos crescentemente diversificados e híbridos.

As Festas de Agosto estão concomitantemente ligadas ao sentimento religioso e aos prazeres mundanos. Colares (2006) ressalta ainda que o espaço sacralizado em torno do mastro aceita “aparatos da modernidade” como, por exemplo, câmaras, gravadores, celulares e outros ligados à comunicação mediada. E interpreta esse fato como algo inerente ao processo de mudança sociocultural.

Sob câmeras, filmadoras, muitas luzes e muitos flashes, o ritual ao redor do mastro é iniciado pelos catopês, um por um, os três ternos de catopês vão prestando sua homenagem: “Nossa senhora reina em seu altar”. “Viva nossa senhora com seus anjinhos!”. De repente uma quebra, uma parada pós-moderna, a jornalista da TV precisa da fala, não se contenta com a imagem, de Zanza naquele instante. Somente Zanza pára, e, em meio aos batuques, responde à repórter, iluminado e ofuscado pelas luzes do repórter cinema-

tográfico. A ação de Zanza mostra o tanto que o tradicional está aberto ao moderno, assim como a necessidade do sagrado de se adaptar ao dinamismo de uma nova cultura, que podemos denominar de cultura de massa. A ação da repórter mostra que existem novas formas de interpelação do sagrado por agentes que não se envolvem nem assistem, apenas buscam a melhor estética de apresentação. Sob a égide da “estética multimídia”, o espetáculo poderá despertar tanto o êxtase religioso quanto o prazer estético [...] Os aparatos modernos interferem, mas não chegam a impedir a instauração do sagrado. (COLARES, 2006, p. 60)

A mídia é usada na organização e na divulgação da festa, telejornais e sites divulgam toda a programação do evento. Há entrevistas com os mestres dos grupos populares e com o padre responsável, com o objetivo de dar aos telespectadores a cobertura completa da festa.

Souza (2007) analisa a relação entre sagrado e profano existente nas festas, em sua configuração atual, observando que elas acompanham a dualidade humana, a sagrada e a profana. Em princípio, a primeira estaria na representação dos momentos devocionais e tradicionais que envolvem a religiosidade, e a segunda, marcada pelo que se encontra fora do templo sagrado, ou seja, os elementos da “modernidade”, do consumismo: barracas com bebidas e comidas típicas, artigos para o lar, bijuterias, bolsas, sandálias. Na prática, as duas dimensões se misturam, por exemplo, na experiência estética proporcionada pelas atividades mundanas, o que as aproximam da experiência religiosa, e pela presença dos elementos ligados ao consumo nos rituais, como por exemplo, a ostentação nas roupas de determinados personagens.

Para Canclini, “sem dúvida, a expansão urbana é uma das causas que in-

tensificaram a hibridação cultural". (2011, p. 285). Essa expansão demanda a mediação técnica dos conteúdos simbólicos diversificados e do diálogo coletivo. Por isso, para Canclini, urbanização e modernização, acompanhadas pela mediação técnica dos conteúdos simbólicos, desenvolvem a hibridação e as trocas culturais, promovendo mudanças, inovações, criatividade, transformação da tradição, produção de novos símbolos coletivos, como no caso das Festas de Agosto.

A configuração atual das festas aqui consideradas indica sua inserção em um processo de profundas mudanças socioculturais, que atingem o campo religioso, cada vez mais suscetível à destradição. Nesse campo, o sagrado se secularizou e o secular se sacralizou, o que fez com que os elementos religiosos se colocassem ao lado dos elementos profanos e disputassem a atenção dos indivíduos, configurando-se numa autêntica expressão da cultura contemporânea.

As Festas de Agosto conforme a oficialidade católica

Optou-se por entrevistar onze padres que pertencem à Arquidiocese de Montes Claros, atuantes no Setor Centro, que envolve todas as paróquias da área urbana central da cidade, local em que ocorrem as festas religiosas de agosto. Pressupôs-se que esses padres, por trabalharem em locais mais próximos dos festejos, estivessem aptos a opinar sobre as festas e sua feição atual. A escolha intencional por ouvi-los sustenta-se ainda por considerar que eles possuem características representativas da população sobre a qual recai o interesse da investigação, ou seja, eles são os representantes oficiais da Igreja Católica.

Para resguardar o anonimato, os entrevistados foram identificados pela le-

tra *P* seguida dos números 01 a 11. As entrevistas só foram realizadas com a concordância dos participantes, comprovada na assinatura do termo. Houve recusa de um padre e do Arcebispo em conceder entrevistas por motivos não declarados.

As organizações representativas de cada uma dessas instâncias disputam seu espaço nos festejos, impondo novos desafios para a Igreja, no passado detentora do monopólio religioso e cultural, com relação ao seu lugar nesse contexto pluralista. Se no passado, frequentemente, a Igreja desqualificou as chamadas manifestações religiosas populares e as considerou como desvios das diretrizes oficiais do Catolicismo, tratando de formar agentes romanizados com disposição para o controle desses desvios, hoje parece haver maior disposição, por parte de alguns de seus agentes, para a abertura com relação às festas. Mesmo porque, como pertencente à sociedade e à cultura contemporânea, as festas têm sua dinâmica desenvolvida de modo autônomo e o controle disso mostra-se impraticável, exigindo o deslocamento da Igreja do seu lugar, outrora ocupado, e seu reposicionamento em meio a muitas outras instâncias produtoras de sentido.

Para alguns dos entrevistados, no entanto, a posição "desarmada" da Igreja diante do quadro de mudança nos festejos de agosto em direção a outras experiências estéticas, além daquela estritamente ligada à sua tradição religiosa, é um problema:

A principal mudança que percebo é o fato das Festas de Agosto em Montes Claros, terem perdido um pouco o seu cunho religioso, o seu foco, principalmente nas apresentações musicais, tem variado muito o estilo dos shows, das músicas, este ano mesmo tem um circuito de rock com seis bandas, acho muito para uma festa religiosa né? Os cantores regionais, os violeiros cantam

somente um dia ou então pela manhã e tarde, sem muita expressão; agora, em relação aos outros, os de axé, os de rock, são sempre à noite e lotados, ainda mais por ser gratuito. Não é que estou sendo radical, mas isso não tem muito sentido. (P10)

Percebo que só teve mudança do lado negativo, pois aumentou a bebedeira, os shows, o comércio. Eu acho que ela devia ser uma festa popular é... carregada do seu simbolismo, carregada do seu significado, mas ela deveria ser mais comprometida com a fé cristã e sem mistura, devia ser mais purificada. (P8)

A festa mudou muito, não é assim, tem que ter mais respeito à religiosidade. Tem gente que vai acompanhar o cortejo e quando chega na porta da Igreja do Rosário em vez de entrar para celebrar, eles saem e vão para as barracas das comidas e bebidas. E tem aquele povo que vem, olha e não consegue adentrar, porque não é separar, tudo faz parte. Quando o cortejo sai, o padre começa a celebração da missa. E muitas vezes a igreja fica vazia e não era assim. O povo está esquecendo do objetivo da festa. Vejo que o povo tem que entender que a festa é expressão de fé! É bom comer, cantar, mas tudo em seu momento. (P11)

Observa-se que, na concepção de alguns depoentes, há uma avaliação negativa das mudanças ocorridas, pela descaracterização do teor religioso da festa, pela ausência de discernimento do “povo” que não age em conformidade com o que “a Igreja coloca”; a preferência pelas atividades mundanas, presentes nas festas, revelaria descompromisso para com a fé cristã.

No entanto, parece que para o povo “pouco importa se é festa religiosa ou profana, o que vale é que o espaço privile-

giado de reunião das diferenças [...] a festa é, portanto, o elemento de re-ligação” (PEREZ, 2002, p. 35). Trata-se, então, não mais de uma festa religiosa, no sentido estrito, mas de uma festa híbrida, produzida pela fusão histórica de elementos culturais de origem europeia, africana e indígena, criadora de uma expressão única de interseção cultural, cuja avaliação não encontra unanimidade no grupo dos entrevistados da Igreja Católica local. Entre eles, há padres que apoiam as mudanças:

Apesar de ter mudado alguns momentos da festa, com a inserção de atividades culturais para o povo, através dos shows artísticos, a introdução de algumas danças, cultura afro, que reflete nossa cultura de povo brasileiro, a essência não muda, porque a festa expressa a alegria que é Cristo, a alegria de viver, de confraternizar, cada momento irradia a fortaleza dos laços da comunhão de um povo. (P4)

O povo de Montes Claros participa com muita fé das festas como era antes, essas mudanças não atrapalharam, pelo contrário, fizeram aproximar da nossa raiz. Como é bonito participar de uma missa afro e também termos que fazer algo que aproxima a todos e não exclui. Se acabar os shows, essas coisas que os jovens gostam, a festa iria ser só de velhos e também não teria a dimensão de hoje e podia até acabar. Hoje a cidade fica lotada, todas as ruas do centro enfeitadas com fitas coloridas, muito bonito e a mídia nos ajuda na divulgação. (P1)

Temos que respeitar a religiosidade popular do nosso povo mediante sermos tolerantes até mesmo com outras determinadas manifestações de cunho religioso nas nossas festas, mas hoje o embasamento concreto na minha opinião é a gente saber dialogar, fazer um diálogo, de fato integrar outras

denominações, outras manifestações, para que assim seja de fato uma expressão, louvor a Deus. (P7)

Como resultado do esforço de adaptação às mudanças socioculturais e de manutenção da plausibilidade social do Catolicismo contemporâneo, esses depoentes encontraram maneiras de articular valores e visões de mundo aparentemente discrepantes. Talvez essa disposição seja mais perceptível entre os padres diocesanos, que têm a possibilidade de levar uma vida secular próxima à de seus contemporâneos, sem a adoção de uma prática totalmente distanciada do mundo, tornando-se mais adaptados a ele. (FERNANDES, 2015). Indagados sobre o que gostariam de mudar nas comemorações de agosto, os entrevistados fizeram diferentes propostas de mudanças:

Poderia ter um palco onde os grupos pudessem apresentar com maior evidência e que mais gente pudesse ficar sentada. Porque na Igreja do Rosário, no começo daquela avenida, é terrível, não cabe quase ninguém, fica todo mundo apertado, é na avenida, bem no centro de Montes Claros. Os carros buzinando, então poderia criar um outro ambiente, eu gostaria, por exemplo, que fizessem na praça do Jatobá, naquele cantinho tivesse uma Igreja Ecumênica, onde todas as religiões poderiam fazer várias coisas. Isso seria o ideal para as Festas de Agosto, porque há uma mistura e lá também tem uma praça grande, ideal para eles dançarem, pularem, seria muito melhor do que a antiga Igreja do Rosário, mas se falar isso para os grupos, eles não aceitam não, oxalá para eles queria a mesma Igreja no meu tempo de criança e já sou velho. Eles são muito conservadores! (P2)

Para mim o que tenho que mudar é o nome e a data. Em vez de festa de agos-

to, eu penso que deveríamos retomar a festa de Nossa senhora do Rosário no dia próprio, a festa de São Benedito, no caso em abril, a festa do divino Espírito Santo, no dia de Pentecostes, são três festas ligadas, festas da Igreja, e nós temos um calendário fixo da Igreja em comemoração aos santos. (P4)

Eu acho que tem que mudar muito, voltar a ser religiosa de verdade, elas têm mais o cunho cultural, os grupos não seguem nenhuma orientação que a gente der e também não têm orientação para isso, eles mesmos criam os próprios ritos, os modos de oração que está mais ligado ao sincretismo religioso, mistura muita coisa na verdade. (P10)

A festa deveria ser comprometida com a fé cristã e sem mistura, devia ser mais purificada. (P3)

Na minha opinião são muito boas, mas penso que deveriam valorizar mais as apresentações culturais, colocar mais as músicas da região ou religiosas, valorizar mais a marujadas, os caboclinhos, os catopês, os grupos religiosos, dar mais ênfase ao aspecto religioso. Sei que não tem como voltar no tempo, mas penso que tem como mudar esses shows, diminuir a quantidade das barracas, para ter mais espaço para os cortejos, as procissões. (P1)

Acredito que o que tem que mudar é na consciência das pessoas e dos padres também. De fazer um diálogo inter-religioso, temos que ser ecumênicos e aceitar as manifestações do nosso povo, não criticar e sim dialogar. Por que cada um tem sua fé, não podemos julgar. (P7)

Alguns padres se preocupam com os entrecruzamentos da religião e outros sistemas simbólicos, típico das cidades modernas/contemporâneas. Com isso,

propõem diferentes medidas, como a separação das manifestações, o reforço da tradição religiosa, a revalorização cultural dos grupos populares, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, revelando a diversidade de opinião a respeito das questões sobre as quais foram interpelados. Assim, a dinâmica das festas, de algum modo, estimula os padres a dialogar com a cultura contemporânea ou, no mínimo, considerar algumas das suas contradições. Porém, os cruzamentos culturais intensos e a instabilidade das tradições podem ser fonte de confrontos internos à instituição eclesial católica.

Para Hall, essas disputas são constantes no âmbito da cultura e se dão “nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas.” (HALL, 2003, p 255).

Nos depoimentos, pode-se inferir a existência de batalhas internas e externas travadas pela Igreja, por ocasião das festas. A luta interna ao Catolicismo – entre suas variadas expressões ou entre os agentes institucionais e suas visões de mundo distintas –, e as disputas com outras religiões e crenças locais, dado o declínio da hegemonia católica e a constituição do pluralismo religioso brasileiro, são exemplos disso. As religiões que convivem hoje no Brasil “obedecem a linhas de forças que as colocam ora em situações de trocas, interpenetrações e comunicações, ora em situações de diferenciação, competição e enfrentamento” (CAMURÇA, 2009). Nos depoimentos, dois dos entrevistados fizeram menção a essas possibilidades, ao propor o ecumenismo e o diálogo inter-religioso como um ideal. Parecem estar conscientes de que em um ambiente de pluralismo cultural e religio-

so, o acirramento excessivo das disputas entre as diferentes agências produtoras de conteúdo simbólico pode ter efeitos paradoxais, afastando os fiéis da Igreja.

Nas relações com o campo extrarreligioso, a vivência urbana das tradicionais Festas de Agosto estimulou interesses comerciais, ligados ao consumo, ao lazer e ao entretenimento secular, bem como políticos. Pode-se inferir que a Igreja tenha que lidar, pois, com candidatos a postos eleitorais, representantes de cargos públicos, comerciantes e empresários da indústria cultural, que se empenham na obtenção de ganhos eleitorais, simbólicos e materiais trazidos pelas festas.

Nesse cenário, de acordo com os padres ouvidos, as festas representam não só uma comemoração religiosa,. Eles atribuíram outros significados aos eventos, como se pode ver nos trechos a seguir:

Representa para mim somente a expressão da cultura de uma cidade. Embora elas sejam festas populares e permeadas de muito sincretismo religioso, muitas vezes elas estão acompanhadas de vícios das pessoas que as praticam, por isso que não vejo com bons olhos essa associação com religião. (P11)

Para mim, as Festas de Agosto são festas religiosas ligadas à Igreja Católica, que infelizmente hoje têm muito mais um cunho cultural que religioso. (P10)

As Festas de Agosto são um território sagrado, elas vêm de uma identidade de um povo que celebra a sua fé. Através dos símbolos a gente pode perceber a fé de um povo que celebrava essas festas há tempos. Então, é uma questão que envolve cultura, eu não gosto muito de resumi-las somente em folclore, acho que é reduzir muito essa questão, pois ela é uma festa religiosa,

expressa a fé de um povo, expressa a luta de um povo, expressa um sonho de um povo, expressa também a presença da Igreja na vida desse povo. (P1)

Para mim representa a cultura do Norte de Minas, devoção e religiosidade popular, que é muito forte nesta região. Mesmo com sol o povo vai descalço para a procissão e o calor daqui é forte (risos). Então isso é fé, uma devoção popular de muito tempo e que cada ano se renova, o quão bonito é que isso se repete por causa do povo, só do povo e mais nada. (P6)

Representa um momento de encontro de Deus através do meu irmão, da comunidade, mas também é a preservação dos valores, de uma cultura local e do Catolicismo popular. De um povo marcado por sofrimentos e alegrias, porque nós somos mineiros do Norte, ou seja, sertanejo, um povo que convive com a seca, sol quente, com a pobreza, mas não perde a alegria, a esperança e a fé. Até hoje o povo faz procissão com as pedras na cabeça pedindo a Deus chuva no tempo da seca, na nossa região esta religiosidade é muito forte e as Festas de Agosto são só o reflexo dessa fé. (P4)

A presença de elementos recreativos e estéticos em uma festa religiosa, as conexões entre cerimônia religiosa e festa, misturas cuja intensidade pode dificultar a demarcação precisa das fronteiras entre rito religioso e divertimento público. Não encontram respaldo em todas as falas, levando alguns padres a lamentar a ocorrência das festas na formatação atual. Outra avaliação faz menção à ritualização de um ideal de sociedade na qual vigore a mistura das raças e a dissipação das diferenças sociais, que ressalta ainda a “beleza” da mistura e das expressões sincréticas das festas e a promoção da união das classes sociais, acima das diferenças.

Dadas as potencialidades da festa, contudo, deve-se observar que essa mesma ritualização pode ocultar as desigualdades da sociedade brasileira, legitimadas inclusive pela ação da Igreja Católica no Brasil.

É notável nos depoimentos que uma palavra empregada de forma recorrente pelos padres para falar sobre o significado das festas é “cultura”, termo que sobrepujou a palavra “religião”. Mas a cultura a que se referem tem sentidos diferentes: para uns é entretenimento e lazer, associados a “vícios” mundanos, o que atualiza os antigos julgamentos dos padres romanizados diante dos costumes locais e as tensões históricas presentes nas relações entre o Catolicismo, universal por definição, e a religiosidade local; outros entrevistados identificam a dimensão cultural como a expressão religiosa de um povo que celebra o sentido de comunidade, um povo “sofrido” e sua “luta”, o que remete também à dimensão política das festas.

Considerações Finais

As tentativas empreendidas pela oficialidade católica para controlar o exercício da religião pelos fiéis não conseguiram consolidar o controle dos modos populares de vivenciar a religião nem reverter a situação de declínio do Catolicismo. Como demonstram as festas consideradas, o Catolicismo de caráter popular e devocional permanece independentemente das orientações oficiais. Além disso, agora está acrescido de elementos extrarreligiosos, o que criou um evento que, além de sincrético, é híbrido, um misto de evento turístico, espetáculo, entretenimento e religião.

Se a oficialidade católica, como vimos, procurou impor seus códigos à sociedade, hoje isso parece bastante improvável. De acordo com as entrevistas realizadas, parece difícil falar de *uma perspectiva* derivada da visão oficial so-

bre os festejos populares, adotada pelos padres em seu trabalho. Diferentes considerações e avaliações foram elaboradas pelos agentes eclesiais ouvidos e elas convivem com as diretrizes oficiais, com o Catolicismo tradicional, laico, devocional e penitencial, e até com os elementos não religiosos, criando uma religião ainda mais múltipla e elástica. Assim, observa-se que a própria instituição católica é complexa.

No Catolicismo, em função da visão ortodoxa dos representantes oficiais da Igreja, a relação deles com seus fiéis tem sido delicada, permeada por variadas sensibilidades e reveladora do choque entre, os apelos da oficialidade e os anseios desses fiéis. A liberdade e a autonomia dos agentes, em consonância com a sociedade contemporânea, se instala para tentar estabelecer e firmar uma cultura tradicional e hegemônica, que hoje se vê diante de vários desafios para se manter.

Pode-se dizer que as diferentes opiniões e interpretações emitidas pelos padres sobre as festas indicam que o Catolicismo, assim como outras religiões tradicionais, está submetido a uma dinâmica sociocultural que ocasiona a perda de capacidade de regulação institucional da religiosidade. Na sociedade contemporânea ficou visível que os indivíduos ligados à Igreja – padres e fiéis leigos –, passaram a determinar, com maior autonomia, os rumos de sua própria vida e a emitir suas opiniões, mesmo que destoantes da orientação oficial. Suas crenças tornaram-se subjetivadas, ao passo que as pretensões de imposição de sentido da Igreja foram se enfraquecendo.

Os depoimentos coletados indicam e reiteram a existência da multiplicidade interna do Catolicismo e das diferentes posturas de seus agentes diante dessa questão. Indicam, assim, as tensões e arranjos construídos em torno das diversas representações das festas, produzidas pelos

padres, pelos fiéis e pela oficialidade eclesial, vinda de Roma e de seus agentes intelectualizados. A pesquisa, mesmo sendo restrita a um local geográfico demarcado, e, portanto, com poder limitado de generalização, remeteu aos modos de operação contemporânea dos agentes eclesiais em um ambiente reflexivo, que sujeita as tradições à avaliação social, de acordo com Giddens (1997).

Os padres ouvidos indicam a necessidade de recriar esse espaço público urbano a partir dos usos e contra-usos de espaços consagrados. Se alguns anseiam pela volta aos moldes antigos de se fazer a festa em Montes Claros e pelo resgate do papel da Igreja como protagonista, outros parecem reconhecer que, para ser público, o espaço e suas apropriações precisam manifestar a “afirmação das singularidades e o reconhecimento das diferenças” (LEONEL, 2015, p.188). Assim, diante de vários desafios, a Igreja contemporânea procura afirmar-se como instituição capaz de dar conta de questões que se situam além do plano da fé, para manter-se socialmente plausível.

Bibliografia

AZEVEDO, Thales de. *Problemas metodológicos da sociologia do catolicismo*. Cultura e situação racial no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 165-194.

CAMURÇA, Marcelo A. Entre sincretismo e “guerras santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n.81, p. 173-185, março/maio 2009. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/81/14-marcelo.pdf>. Acesso em 22/03/1015

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: UNESP, 2011.

COLARES, Mona Lisa Campanha. *A Tradição no Mundo Contemporâneo: análise dos caboclinhos montesclarenses - terno do congado das Festas de Agosto*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros - MG, 2006.

DIAS, Jânio Marques. Festas de Agosto: A recuperação da história cultural de Montes Claros. *Revista Negritude*, Montes Claros, ano II, nº8, agosto de 2007.

FERNANDES, Silvia. Catolicismo estrutural – interpretações sobre o censo da igreja católica e a mudança sociocultural do catolicismo brasileiro. *Revista Interdisciplinar em cultura e sociedade*, São Luiz, v. 1. n.,1,p 185-202, jul-dez/2015

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris: Bayard, 2003.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido – a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEONEL, Guilherme Guimarães. *Entre a cruz e os tambores: Conflitos e tensões nas festas do Reinado (Divinópolis-MG)*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais. Belo Horizonte, MG, 2015.

MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. *Estudos de religião*, Ano XXII, n.34, 70-83, jan/jun. 2008.

PEREZ, Léa F. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil" – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, dezembro 2004. p. 17-28. (Dossiê Religiões no Brasil - USP).

QUEIROZ, L. R. S. *Performance Musical nos ternos de Catopês de Montes Claros*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia - Escola de Música. Salvador, 2005.

SANCHIS, Pierre. As Tramas Sincréticas da História. Sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V. 10, n. 28, São Paulo, jun. 1995.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à cultura católica brasileira. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 34-63.

SILVA, Francino. *Sincretismo religioso nos festejos do catolicismo Norte Mineiro*. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364846835_ARQUIVO_Sincretismoreligiosonosfestejosdocatolicismonort1.pdf> Acesso em 08/09/2015.

SOUZA, Antônio Alvimar. *A igreja entrou renovadamente na festa: Igreja e carisma no sertão de Minas Gerais*. Belo Horizonte: FUMARC, 2007.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso". *Ciências Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião*, no 3, 2001.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*. 67, setembro/novembro, 2005. São Paulo: USP, 2005. p. 14-23.

Recebido em 27/07/2017

Aprovado em 06/09/2017

I Viviane Bernadeth Gandra Brandão. Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos pela Universidade FUMEC (MG). Professora de Serviço Social na Universidade Estadual de Montes Claros (MG) / Unimontes. Contato: viviane.gandra1@hotmail.com

II Dados disponibilizados pelo IBGE em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

III Para Giddens (1997), sociedade pós-tradicional é aquela em que a tradição não foi totalmente banida, mas sim dissolvida e reconstruída ao mesmo tempo, submetida ao questionamento de seus pressupostos. Há uma transformação do seu papel e níveis de atuação.